

1

Ela continua a sentir-se enjoada. Na casa de banho, uma mulher diz-lhe:

“Faria melhor em apanhar ar fresco. Porque não vai até ao convés?”

No convés está frio e o vento fere-lhe as orelhas. Depois de vomitar pela amurada, sente-se melhor e volta a descer as escadas, sentando-se no lugar onde estava antes de ir à casa de banho. As roupas que trouxe para a viagem estão em dois sacos verdes de plástico; o dinheiro, trá-lo na malinha de mão. Tivera de comprar os sacos no Chawke, a cinquenta *pence* cada. Trazem inscrito o nome da loja e um padrão celta a toda a volta. Na casa de câmbios, trocou por dinheiro inglês as suas notas irlandesas.

Não são muitos os passageiros. Crianças aos gritos, que fingem perder o equilíbrio, passam pelo sítio onde ela está, dobrada sobre si mesma. Uma família está sossegadamente sentada a um canto, todos de olhos fechados. Duas mulheres de idade e um padre falam sobre as corridas de cavalos em Inglaterra.

Aquele é o *ferry* da tarde; ela não chegou a tempo para o da manhã. “Aquele ilha chama-se o Olho da Irlanda”, disse uma das crianças pouco depois de o barco se afastar do cais, e Felicia sentiu-se então a salvo. Parece-lhe que passou um ano desde a noite anterior, quando saíra do quarto que partilha com a bisavó, levando consigo os sacos, para se ir esconder no barracão do quintal, atrás duma pilha de tábuas que o seu pai pretende usar para construir um estufim. De madrugada, no barracão, com a bisavó ainda a dormir, Felicia aguardara que a luz da cozinha se acendesse, sinal de que o pai regressara do Heverin com o *Irish Press*. Então, saiu furtivamente pelas traseiras em direcção à praça, vinte e cinco minutos antes da camioneta das sete e quarenta e

cinco. Passou todo o tempo nervosa, receando que o pai ou os irmãos a descobrissem, e quando a camioneta arrancou, olhou de viés pela janela, ocultando o rosto com uma das mãos. Ia dizendo a si mesma que eles ainda não podiam ter dado pela falta do dinheiro, que ainda não teriam sequer visto o bilhete que ela deixara, mas nem isso a sossegava.

Felicia dorme um pouco, depois vai de novo à casa de banho. Duas raparigas estão a pôr desodorizante, partilhando um mesmo frasco de *roll-on*, com as blusas desabotoadas. “Desculpem”, diz Felicia depois de vomitar, e as raparigas dizem que não tem mal. Não podia ter muito mais no estômago, pensou, já que não comera quase nada nesse dia. “Bebe um copo de água”, aconselha uma das raparigas. “Devemos chegar dentro de vinte minutos”. A outra rapariga pergunta-lhe se está melhor, e Felicia diz que sim. Escova os dentes, e quando pousa a escova na berma do lavatório uma mulher pega nela. “Oh, desculpe!”, diz a mulher, após o protesto de Felicia. “Pensei que fosse do barco.”

Já é típico da moça, sair a uma hora destas, dirá por certo o pai ao ver que ela não está em casa para ajudar a preparar o pequeno-almoço; um comportamento habitual, nos últimos tempos. Só terá encontrado o bilhete quando foi levar o pequeno-almoço à idosa. “Foi-se embora”, terá comentado com os irmãos dela, mas não haverá tempo para discutir então o assunto, pois eles têm de sair para o trabalho na pedreira. Felicia pergunta-se se o pai terá ido à polícia; é provável que não, apesar de tudo, com ele nunca se sabe. Mas terá pedido à vizinha do lado, a Sra. Quigly, para tomar conta da bisavó durante o dia, para lhe dar ao almoço umas bolachas de água e sal e meia lata de sopa, como já costumava fazer quando Felicia ainda trabalhava na fábrica de conservas de carne.

É anunciada a chegada. Há um surto de actividade entre os passageiros, que juntam as suas malas e se agrupam obedientemente na área designada. Quando as portas se abrem, uma rajada de ar frio varre o local, e a pequena multidão avança para a prancha de desembarque. Ao fim da tarde, regressados do trabalho, o pai e os irmãos ter-se-iam sentado na cozinha, com o bilhete em cima da mesa, e o pai teria abanado tristemente a cabeça, como se aquele duro golpe lhe fosse especialmente dirigido: era sempre ele quem acolhia pior as más notícias. Um dos irmãos teria dito que ia a McGrattan Street contar ao Aidan, e, fosse ele qual fosse, no regresso não deixaria de passar pelo

bar de Myles Brady. O pai prepararia o jantar da bisavó, e depois o seu, carrancudo diante do fogão.

O nervosismo de Felicia retorna quando entra, com os outros passageiros, num edifício sombrio e sem móveis, onde um funcionário da segurança a interroga. “Traz algum documento de identificação?”, pergunta ele.

“Identificação?”

“Como é que se chama?”

Felicia diz-lhe. Ele pergunta-lhe se tem carta de condução.

“Não tenho.”

“Tem algum outro meio de identificação?”

“Acho que não.”

“Nem uma carta particular? Nenhum tipo de documento?”

Felicia abana a cabeça. O funcionário pergunta-lhe se reside no Reino Unido e ela diz que não, na Irlanda.

“Está aqui de visita, é, menina?”

“Sim.”

“E qual é o objectivo da sua visita?”

“Ver um amigo.”

“Para que região pretende ir?”

“Birmingham. Norte de Birmingham.”

“Posso revistar os seus sacos? Importa-se de se afastar um pouco?”

Ele revolve as roupas e o par de sapatos extra que ela trouxe. Felicia acha que o homem fará algum comentário ao ver o dinheiro que traz na malinha de mão, mas ele não diz nada.

“Vou tomar nota do endereço do seu amigo”, diz ele. “Pode-mo dar, por favor?”

“Eu não sei onde ele mora. Ainda tenho de descobrir.”

“Quer dizer que ele não está à sua espera?”

“Na verdade, não.”

“Tem a certeza que o vai encontrar?”

“Sim, no local de trabalho.”

O funcionário acena com a cabeça. Deve ter mais ou menos a idade do seu pai, pensa Felicia, um rosto incaracterístico. Veste um sobretudo preto, aberto à frente.

“Então, vou anotar a sua morada na Irlanda”, diz ele.

Felicia diz que é de Mountmellick, o primeiro nome que lhe vem à cabeça. Dá-lhe uma direcção inventada: St. Mary’s Terrace, 23.

“Certo”, diz o agente.

Ninguém a manda parar na alfândega. Pergunta onde fica a estação de comboios. É depois informada de que o comboio para Birmingham sai às duas e um quarto. Passam alguns minutos da meia-noite.

Durante uns momentos, na sala de espera, Felicia adormece. Sonha que está no talho do Sr. Scaddan e que este deita um enorme pedaço de fígado na balança e diz que ele próprio o cortou do boi. É mentira; no seu sonho, ela sabe que isso é mentira; toda a gente sabe que o Sr. Scaddan gosta de inventar. Um dos alunos da Christian Brothers entra na loja e o talhante diz que é uma vergonha, mas ela não compreende de que é que ele está a falar. “Eu estava a passear uma noite”, diz o Sr. Scaddan ao jovem acabado de entrar, “junto à antiga fábrica de gás.” E então Felicia compreende.

O comboio entra na estação muito antes da hora de partida. Felicia certifica-se de que é o seu, e quando o comboio arranca volta a adormecer. Quando o revisor a acorda, por momentos ela não sabe onde está. O homem aguarda, sem mostras de impaciência, enquanto ela procura o bilhete na malinha de mão. Tem na mente a imagem serena da sua mãe, vestígios do sonho que estava a ter.

“Obrigado”, diz o revisor, afastando-se.

O sonho com a mãe desvaneceu-se; mas embora não consiga recordar o seu conteúdo, o sonho despertou nela uma recordação. “Despachate, vai chamar a Sra. Quigly”, ordenara-lhe a bisavó nesse dia, há séculos. “E diz ao padre Kilgallen para vir depressa”. A idosa levava uma taça de chá aos lábios da sua mãe, que tinha os olhos semicerrados e as faces cor de cimento. “Sra. Quigly! Sra. Quigly!” Felicia tinha seis anos e batia à porta da vizinha. Depois tivera de correr para acompanhar as passadas rápidas do padre Kilgallen ao longo da Main Street e da praça, e quando chegaram a casa a Sra. Quigly e a bisavó estavam a levar a sua mãe para o quarto. Felicia ouviu os murmúrios do padre Kilgallen, depois os seus irmãos chegaram da Christian Brothers e Aidan foi chamar o pai ao jardim do convento. Foi o pai quem puxou o lençol sobre o rosto da sua mãe, nos curtos e derradeiros instantes que passou a seu lado, enquanto eles esperavam na cozinha e Aidan chorava. A sacola dos livros estava no chão, onde ela a deixara, azul-clara e brilhante, com a figura da Minnie Mouse com sapatos cor-de-rosa. “Os meus sentimentos”, disse a Sra. Quigly, benzendo-se e tirando o avental, cujo padrão florido parecia agora demasiado berrante. “Graças a Deus”, disse o padre Kilgallen, por ter chegado a tempo. “Vão-se os novos, ficam os velhos”, disse a bisavó.

O comboio trepida, estremeçando nos carris, e abranda até quase se imobilizar; depois ganha de novo velocidade. Felicia abre os olhos. Uma alvorada nebulosa está a distribuir casas agrícolas, silos e celeiros corcovados por campos sombrios. Mais tarde, vê longas filas de automóveis avançando lentamente em estradas próximas, e inexpressivos rostos de madrugadores nas estações. Postes de alta tensão e antenas atulham o horizonte, pássaros respigam numa pilha de lixo. Não se vê uma única área de campo aberto.

O comboio enche-se de gente. Lêem-se jornais em silêncio, olhos que se cruzam acidentalmente são logo desviados. Todas as coisas — pessoas e casas e carros, postes e antenas — aparecem muito juntas, como se não houvesse espaço suficiente para as acomodar. Se o comboio ameaça parar sem ser numa estação, um esgar de nervosismo percorre os passageiros.

Johnny há-de estar a sair para o trabalho, também. Felicia imaginava-o, apressado como toda a gente, mas descontraído, despreocupado, porque ele é mesmo assim. Felicia esforça-se por sustentar a imagem tranquila de Johnny, e depois o seu rosto de perfil na camioneta, na tarde em que o viu pela última vez, sem que ele desconfiasse que ela estava ainda na praça. Como num eco longínquo, sussurrante, ouve o murmúrio da voz dele.